

MISTÉRIOS DO RIO

Benjamim Costallat



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural

A Favela que eu vi . . .

— Vamos ao morro do crime? . . .

— Vamos. . .

A Favela, ao longe, com os seus casebres minúsculos, parecia um presépio imenso.

Descemos na Rua da América. Uma das ruas mais sórdidas do Rio de Janeiro. Enlameada, imunda.

Ligada ao morro do Pinto pela Ponte dos Amores, a Favela, com os seus casebres, rebrilhava ao sol.

Ponte dos Amores! . . .

Ela bem podia se chamar Ponte dos Suspiros, como a sua colega de Veneza.

Apesar de não ser de mármore, como a ponte dos doges, e sim de madeira muito tosca, a ponte que liga o Pinto à Favela tem visto também suspirar muita gente. Tem visto muito suspiro de agonia . . .

Há bem pouco tempo, assaltava-se em pleno dia, na Ponte dos Amores. À noite, matava-se.

Hoje, tudo está melhor.

Mas ainda é perigosa, muito perigosa, a ponte de madeira, agasalhadora dos amores violentos dos malandros e das crioulas . . .

A Rua da América estendia-se, poeirenta.

À sua frente, do outro lado de um enorme paredão de pedras, cruzavam-se trens, apitando, enfumaçados, em manobras pelos desvios, a toda velocidade pelas linhas, com ruído de ferros, numa alucinação de vapor.

Bondes passavam levantando poeira.

Vinha um automóvel, aos solavancos, pelos buracos da rua.

Casas de sobrado, muito feias, muito sujas, todas fechadas, como se seus habitantes ainda estivessem dormindo àquela hora de manhã resplandecente.

— Quase todos os moradores desta Rua da América são ladrões e intrujões. O intrujão é o negociante do roubo. É o comprador e vendedor do objeto roubado. . . Com a Favela, esta zona daqui é a que mais fornece pensionistas para as prisões. Lá em cima, no morro, é o crime, é a facada, a violência, a vingança, a valentia; cá em baixo, na Rua da América, é o roubo, é a astúcia, é o profissional da gazua e do pé-de-cabra. . .

— Mas então as especialidades estão assim tão bem separadas?

— O crime tem seus especialistas e sua perfeita organização. Assim é que no morro do Pinto só moram vigaristas. Não há confusão. Cada especialista no crime tem a sua zona predileta para morar. E não é, geralmente, a zona em que ele age. O ladrão não mora no local onde opera. Se você quiser estar garantido contra o roubo, venha morar, com toda a paz de espírito, aqui na Rua da América. . .

— Não, muito obrigado. . .

Tínhamos chegado à subida da Favela, uma das muitas entradas do morro sinistro.

Quando as turmas de agentes dão batidas na Favela, para prender um criminoso renitente, refugiado e escondido no alto do morro, os policiais são distribuídos pelas várias entradas. Combinado o ataque para uma determinada hora, produz-se um verdadeiro assalto, subindo polícia por todos os lados, pela Saúde, pela Gamboa, pela Marfima e pelo Pinto.

Estávamos na subida que desemboca na Rua da América e que é conhecida por "Pedra Lisa".

É um caminho de cabras. Não se anda, gravita-se. Os pés perdem a função normal de andar, transformam-se em garras.

Primeiro é uma rampa forte, talhada na própria rocha. Depois são pequenos degraus — e que degraus! — esperanças de degraus, degraus esboçados na rocha viva, escorregadios, perigosos, traiçoeiros; e lá embaixo é a rua, o precipício, a grande possibilidade de se quebrar o pescoço.

Anda-se. Sobe-se. Vai-se para diante como por um milagre.

E quanto mais se sobe, mais se arrisca a um tombo fatal, a uma queda na pedreira imensa.

Falavam-me sempre no perigo de subir à Favela. Nos seus terríveis valentes. Nos seus malandros que assaltam com a mesma facilidade com que se dá bom-dia.

O maior perigo que eu encontrei na Favela foi o risco, a cada passo, de despencar-me de lá de cima pela pedreira ou pelo morro abaixo.

E dizer que há uma população inteira que todos os dias desce e sobe a Favela, mulheres que fazem o terrível trajeto com latas cheias de água na cabeça, e bêbedos, alegres de cachaça, as pernas bambas, ziguezagueando, por cima dos precipícios, sem sofrer um arranhão! . . .

Os pequeninos casebres feitos de latas de querosene também suspendem-se no ar, por cima de verdadeiros abismos, num milagre de equilíbrio, mas também não caem.

Deus protege a Favela! . . .

E a Favela merece a proteção divina porque ela é alegre na sua miséria.

Aquela gente, que não tem nada, dá uma profunda lição de alegria àqueles que têm tudo.

Sem higiene, sem conforto, naqueles pequeninos casebres fétidos

dos e imundos, que se arriscam, a cada instante, a voar com o vento ou despencar-se lá de cima; aquela população de homens valentes — estivadores, carvoeiros, embarcadiços — e de mulheres anemiadas e fracas, e de crianças mal alimentadas e em trapos, cria porcos, bebe cachaça, toca cavaquinho e canta! . . .

O dia inteiro, de dentro de um daqueles casebres feitos a lata de querosene, partem as vozes dolentes de um violão ou os arpejos saltitantes de um cavaquinho.

À noite, tudo samba.

Apesar da miséria em que vive, toda a Favela, sambando, é feliz sob um céu salpicado e lindo de estrelas! . . .

A favela não tem luz. Não tem esgotos. Não tem água. Não tem hospitais. Não tem escolas. Não tem assistência. Não tem nada . . .

Mas a Favela é alegre, lá em cima de seu esconderijo, com o maravilhoso panorama da cidade que se desdobra aos seus pés.

A Favela que samba, quando deveria chorar, é um maravilhoso exemplo para aqueles que têm tudo e que ainda não estão satisfeitos . . .

Pobre e admirável Favela! . . .

Subimos. Fomos subindo.

A Favela não tem ruas.

As choupanas se fazem umas sobre as outras, à vontade do proprietário.

O terreno é de ninguém, é de todos . . .

A sarjeta, a rua, o esgoto, é tudo a mesma coisa, e essa mesma coisa é uma enorme vala onde se passa aos pulos, saltando-se de buraco em buraco, e onde os porcos engordam, imensos e sonolentos, e as porcas, de ventre para o ar, as mamas inchadas de leite, alimentam a voracidade de uma quantidade de porquinhos . . .

A Favela tem seu comércio. Comércio exclusivamente feito de vendas, onde o parati é o artigo de primeira necessidade.

As vendas são construídas pelo mesmo processo da lata de querosene, pregadas umas nas outras, tendo as fachadas mais fantasistas, conforme os rótulos das latas e a felicidade com que foram pregadas.

É um estilo que se não vê na Avenida Atlântica.

É o estilo próprio e inconfundível da Favela!

Estamos no “quartêirão” denominado “Portugal Pequeno”, zona de portugueses.

— Aqui não há cinema?

Fizemos esta pergunta a uma negra, ainda moça e faceira, que na porta de seu casebre de zinco procurava alisar a sua carapinha.

— Pra que cinema?

E os olhos brilhando de inteligência e de malícia, a crioula caiu numa grande gargalhada.

— Cinema? Oh! meu santo! Pra quê? Mas não é “perciso”!

Temos aqui cinema todo dia, toda hora. Olhe, ainda a semana passada, “tá” vendo aquele barracão vermelho, lá “prus” lado do “Buraco Quente”, uma crioula pegou fogo nas suas saias com querosene e se alumiu toda que nem uma fogueira! Tudo isso por causa de um menino bonito, de um “gigolote”, como vocês chamam lá embaixo! . . . “Pra” que cinema? Temos cinema todos os dias. Mulheres nuas, tiros, facadas, paus-d’água. “Pra” que cinema na Favela, se a Favela já é um cinema? . . . “Pra” que cinema, meu santo? . . .

— A vida aqui é boa?

— É, vivo com o meu homem que trabalha no carvão dos “navio”. É português, mas chega preto em casa . . .

— O homem é ciumento?

— “Terribe”! . . . Não me deixa nunca ir lá embaixo sem ele . . . Qualquer coisa que “percise”: fósforos, feijão, arroz, ele mesmo é que traz! Qualquer desconfiança que tenha, lá vem bordoadas.

A negra suspirou:

— É. Mas sou feliz. Tenho experiência. Deixei aquela “bagunça” lá embaixo e agora vivo quietinha no meu canto . . . Já é tempo de descansar! . . .

Nos braços, no pescoço, nas costas da negra, via-se o que ela fora. Nomes de homens em horríveis tatuagens, talhos cicatrizados de navalha, vestígios de um brilhante passado no reino da “bagunça” e da malandragem.

No casebre da crioula — o tal casebre de 20\$000 de aluguel — havia uma moringa, com grandes e coloridas flores de barro enfeitando-lhe o bojo e com uma inscrição — AMOR.

— Muito bonita a sua moringa! . . .

— Tenho outras cousas mais bonitas ainda! . . .

E, amável, ela nos mostrou a sua camisa de dormir, com um enorme bordado tosco, de letras tortas, mas com ortografia. E que dizia o seguinte: — BOM DIA!

Havia também uma colcha com estes dizeres: — QUEM QUER É DEUS!

— É minha distração; não tenho “fios”, então vou fazendo essas cousinhas para matar o tempo . . . Até logo, “sêu” moço. Vou preparar o almoço de meu “home”. Se a carne estiver dura, eu estou certa de levar pancada. E é “mió” se viver em paz . . . Não acha? Até logo!

Deixamos, no seu retiro, a ex-Tafs da Saúde . . .

Subsamos ainda.

— Arriscávamo-nos, na pedreira, escorregadia das chuvas da véspera, a quebrar o pescoço. Mas o panorama valia o risco . . .

O Rio desdobrava-se, com as suas casarias minúsculas, numa extensão imensa. O canal do Mangue era uma reta de palmeiras, pequeninas, como as árvores japonesas. As estradas de ferro, rasgando a cidade de trilhos, pareciam um brinquedo de criança. Na baía, o

Minas Gerais tinha proporções de um couraçado de bazar . . .

Estávamos, em plena Favela, fora do mundo.

Vinha-me, então, ao espírito, a crônica terrível do morro sinistro, o morro do crime.

Encravada no Rio de Janeiro, a Favela é uma cidade dentro da cidade. Perfeitamente diversa e absolutamente autônoma. Não atingida pelos regulamentos da prefeitura e longe das vistas da Polícia.

Na Favela ninguém paga impostos e não se vê um guarda civil.

Na Favela, a lei é a do mais forte e a do mais valente. A navalha líquida os casos. E a coragem dirime todas as contendas.

Há muito crime, muita morte, porque são essas as soluções para todos os gêneros de negócios — os negócios de honra como os negócios de dinheiro.

Na Favela, não há divórcios porque ninguém se casa. Não se fazem contratos. Não há inquilinos, nem senhorios. Não há despejos.

Se o inquilino for mais forte do que o senhorio, o aluguel nunca é pago. Se o senhorio for o mais valente, então, sim, a casa é paga, pontualmente, todos os começos de mês . . .

É a lei de inquilinato da Favela!

A bofetada e a navalha resolvem tudo . . .

É natural que os valentes e os malandros procurem a Favela, como uma moradia ideal. É um refúgio e é um paraíso.

Precisam de dinheiro? Vão buscá-lo no bolso dos outros.

Assim viviam Sete Coroas e seus companheiros.

Assaltavam, roubavam, matavam com uma simplicidade comovedora.

Durante a “espanhola”, subiu um padre à Favela para distribuir esmolas entre as famílias necessitadas.

Os malandros arrancaram a batina do padre, deram-lhe uma formidável surra e levaram-lhe todo o dinheiro! . . .

Nada mais comum.

Mas, um dia, chegou à Favela um homem — Zé da Barra. Vinha da Barra do Piraí. Já trazia grande fama. Suas proezas eram conhecidas. Era um valente, mas um grande coração. E Zé da Barra chegou e dominou a Favela . . .

E a Favela, que não conhece polícia, não conhece impostos, não conhece autoridades, conheceu Zé da Barra e a ele teve que obedecer!

E Zé da Barra ficou sendo o chefe incontestável da Favela!

Para defender o seu prestígio, Zé da Barra tem a sua coragem e a sua força. E, principalmente, um formidável cacete que cai como um raio na cabeça dos malandros. Ele também é capoeira. Ele também é valente. O rei dos valentes. E, todos os dias, em rixas, em barulhos, em “bagunças”, ele tem que defender o seu reinado . . .

A casa de Zé da Barra, o presidente da pequena república da

Favela, é a única que tem telhado, feito de telha, de boa e verdadeira telha francesa.

É também a maior venda do morro, onde o consumidor tem um legítimo balcão de madeira para beber o seu parati.

Quando lá chegamos, Zé da Barra veio ao nosso encontro, sorridente, amável, os pés espalhados, o andar moroso dos malandros.

— “Seu” José, viemos ver esta Favela tão falada . . .

— Agora está tudo calmo por aqui. Só a semana passada é que houve uma morte. Uma rixa depois de um samba. Mas agora está tudo tranqüilo.

— Olho para Zé da Barra. É um mulato alto, forte, corpulento, o ar simpático, exprimindo-se bem. Tem a fisionomia autoritária e boa de um legítimo chefe. E como um verdadeiro chefe oferece-nos a sua hospitalidade e o seu almoço.

Almoçamos com Zé da Barra. E nunca comi uma galinha tão gostosa!

À hora do café, acesos os charutos, o chefe da Favela nos contou a sua história:

— Cheguei da Barra do Piraí ainda moço. Mas já trazia o meu prestígio. Aqui na Favela tenho lutado muito, mas tenho sido, graças a Deus, feliz! Várias emboscadas têm me sido armadas. Mas tenho me saído bem de todas elas. A última vez escapei por milagre. Ia subindo o morro, tarde da noite, quando atrás das pedras alvejaram-me a tiros. Eu não via quem estava atirando, só percebia a direção de onde partiam as balas . . .

— Não fugiu?

Zé da Barra teve um leve sorriso.

— Para que fugir? Fugir seria pior. Deve-se sempre ir de encontro ao perigo, para o perigo não nos alcançar. Quando atirarem para cima do senhor, não corra. É muito pior. Eu não fugi. Esperei. E contei. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis! . . . Fui contando as detonações e calculando as balas de menos que o meu inimigo tinha no revólver. Quando, depois de contar as balas queimadas — nenhuma me tendo atingido — eu calculei que o meu adversário estava desarmado, então, sim, eu saquei da minha pistola e fiz fogo na direção de onde os tiros tinham partido . . . Mas, nada. Procurei em vão. Corri todas as pedras, por todos os recantos. Ninguém. Até hoje, não sei quem me quis matar aquela noite. Mas que imprta! Há muitos por aí, que, se pudessem me liquidar, me liquidariam. A questão é que eles não se atrevem. E, que diabo! se um dia eles se atrevessem e conseguissem, ora meu Deus, só se morre uma vez . . .

Não podíamos deixar o morro, sem visitar o “Buraco Quente”, a zona mais perigosa da Favela, a zona em que Sete Coroas imperou, espalhando o terror e a morte.

Zé da Barra nos dissera:

— Sete Coroas não era o pior. Foi o que ganhou mais fama.

Mas não era o pior. Terríveis eram os seus dous companheiros que morreram: o Camisa e o Benedito.

— Morreram os dous?

— Morreram. O Camisa morreu num pavoroso tiroteio com a polícia, aqui no “Buraco Quente” . . .

— E o Benedito?

— Ah! o Benedito foi encontrado morto. Mas, na véspera, ele tinha sido descoberto pela polícia na casa de uma velha, onde se havia refugiado . . .

— Então, foi a polícia que o assassinou?!

— Não sei. São mistérios . . .

Não insistimos. Zé da Barra não queria nos contar o que sabia sobre a verdadeira morte do malandro Benedito, assassinado pela polícia, em represália à morte de dous agentes do Corpo de Segurança. Mas nós já sabíamos da história e tivemos apenas a satisfação de vê-la confirmada. A polícia tem também os seus mistérios. E se ela não os tivesse, não seria tão interessante . . .

Quando chegamos ao “Buraco Quente”, vinha, com a tarde, da barra, uma brisa fresca.

E, por uma linda ironia da vida, no mesmo local onde os companheiros de Sete Coroas haviam morrido, garotos, alegres, soltavam papagaios.

E os papagaios coloridos subiam ao céu da Favela, da esfarapada e pobre Favela, como se ela estivesse se embandeirando para a alegria de uma festa.

Caíra a tarde.

Fomos até o Largo da Capela, o ponto mais alto do morro, onde também muita gente, como no “Buraco Quente”, tem morrido, atirando-se, ou sendo atirada, pela pedreira abaixo . . .

Vinha descendo a noite sobre a baía.

Já era hora de nos retirarmos, de descermos por aquelas rampas perigosas.

Nos casebres, lâmpadas de querosene já se iam acendendo, pouco a pouco . . .

Com muito custo descemos, chegamos, finalmente, à rua, ao pé do morro. Voltávamos à vida, à cidade, com luz, com ruas, com bondes.

A Favela, no escuro, só possuía, de quando em quando, a iluminação de seus pobres lampiões de querosene.

Mas, no “Buraco Quente”, nós avistávamos ainda os vultos agitados dos últimos papagaios dos garotos; papagaios loucos, tontos, que davam cabeçadas, e rodopiavam no espaço, em pleno escuro, como se estivessem gesticulando um derradeiro adeus para o dia que havia fugido, atrás das montanhas! . . .

A pequena operária

— Levem esta mulher para a Santa Casa... É uma questão de dias!...

Na ambulância da polícia, estendida na padiola de lona, Helena tinha compreendido a terrível significação daquele “é uma questão de dias”.

Era mesmo uma questão de dias. E tudo estaria acabado!

Na sua miséria física, Helena estava com o espírito perfeitamente lúcido.

E tamanho era o seu desencanto pela vida, que não sofria à idéia de morrer com dezoito anos...

Morrer?

Que seria a morte?

Pior do que a vida por ela vivida?

Não era possível!...

Pela segunda vez ela iria entrar para a Santa Casa.

Mas agora, seria a última...

Deitada na padiola gelada, Helena sofria, ressoando com enorme estrondo na sua cabeça fraca, os solavancos que a ambulância, sem maiores cuidados de seu *chauffeur*, ia dando contra os buracos das ruas e nas curvas bruscas.

O automóvel trágico disparava, levando a sua carga dolorida.

Dentro da ambulância escura, Helena não via o caminho percorrido.

Só percebia, pelas frestas de ventilação do carro, os postes da Light que, pretos, lúgubres, corriam...

A Santa Casa!...

Novamente, ela iria voltar ao grande, ao imenso casarão da dor!

Voltar àquelas salas enormes e frias, todas de azulejo branco, onde centenas de criaturas, lado a lado, leito contra leito, de todas as idades, de todas as cores, de todas as moléstias, com todos os horrores — suspiram, gemem e morrem!...

Não havia um mês que Helena tinha deixado a Santa Casa. A enfermaria 27, a enfermaria da boa irmã Filomena, a triste maternidade, onde mais de cem parturientes, até em colchões, pelo chão, têm os seus filhinhos...

Helena também tinha tido o seu. Uma criança vermelhinha, aloirada, os bracinhos agitados continuamente para o ar, a minúscula boca, ávida de leite, ávida de vida...

Mas havia morrido.

O ser de seu ser, o sangue de seu sangue, havia morrido...

E Helena, sozinha, voltava agora à Santa Casa. Sem filho, sem a sua pequenina criatura, sem ninguém... Apenas com os seus dezoito anos em agonia!...

E, enquanto o automóvel da polícia sacudia o seu pobre corpo de menina, feita mulher antes do tempo, Helena lembrando-se de sua triste história, sonhava, que podia ter sido uma menina feliz como as outras, como tantas outras...

E o delfrio, na sua cabeça oca e enfraquecida, transformava a trepidação da sinistra ambulância na trepidação de um *landaulet* nupcial e florido, onde Helena se via toda de branco, com muitas flores de laranjeira, com muitas flores, com uma quantidade de flores, seguida por uma fila interminável de automóveis...

E quase desmaiada de fraqueza, sacudida pelo automóvel horrível e escuro como uma prisão. Helena, no seu sonho de agonia, pela primeira vez em sua vida, era feliz, absolutamente feliz!...

Helena podia ter sido como outras meninas, como tantas outras meninas.

Mas tinha nascido pobre. E isso é um crime que a vida, mais tarde, não perdoa...

Muito cedo havia perdido os pais. Estava só no mundo.

Com quinze anos, era costureira, pequena operária.

Engraçadinha, bonita mesmo — arranjou logo emprego. Um emprego na maior casa de modas da cidade.

As empregadinhas das grandes casas de modas são escolhidas a dedo. Devem ser moças e bonitas. Isso é feito para animar a generosidade dos homens casados quando vão fazer compras com as suas respeitáveis senhoras...

Há em torno dessas pobres meninas, vendedores das grandes casas, um caftinismo inconsciente pelo ar. Caftinismo do dono da casa que as escolhe, cuidadosamente, como um verdadeiro rufião, para chamar a freguesia. Caftinismo de certas senhoras casadas que sabem que conseguirão do marido uma linda *toilette*, se quem a vender for uma menina de meigos olhos e de vozinha convidativa...

Helena, nos seus quinze anos inocentes, pensou que, vendendo cousas bonitas, passaria a vida toda num paraíso.

Apesar do seu magro ordenado não lhe dar para viver, e sim, e exclusivamente, para se vestir de acordo com as próprias exigências da grande e luxuosa casa de modas, a pequena operária julgava-se feliz, entre aquelas rendas, aqueles bordados e aquelas sedas!

Mas, rápidas, vieram as decepções.

Não se tem quinze anos, não se é linda, e não se é pobre — impunemente.

A mocidade, a beleza e a miséria têm que pagar o seu tributo.

Na organização social de hoje, é assim...

Desde o patrão até o último varredor do armazém; desde o cai-

xeiro até um freguês que, sistematicamente, todos os dias, ia comprar alfinetes como pretexto — todos os homens sem exceção começaram a persegui-la, a assediá-la, a fazer um verdadeiro cerco ao redor da inocência da pobre menina.

Quanto mais desamparada a viam, quanto mais abandonada e só, quanto mais se convenciam de que no mundo ela nada tinha senão a sua virtude — maiores assaltos, maiores traições, maiores banditismos faziam, para arrancar da pequenina Helena o seu último bem...

Ela era uma magnífica presa para a covardia dos homens.

Os homens têm o faro dos animais que só atacam os bichos indefesos ou agonizantes...

E, como faro e como covardia, eles são magistrais!

Certa vez, Helena viu que a situação não podia continuar.

Despediu-se da grande casa de modas.

Voltou a ser a pequena operária que era miseravelmente paga, mas honesta e tranqüila.

No seu minúsculo quarto — que quarto! — sem ar, sem luz, sem higiene, Helena recomeçou a vida.

Na casa de cômodos da Rua do Lavradio, onde os casais, aos tapas, os homens bêbedos, as mulheres descabeladas, as crianças rotas e imundas, aos berros, viviam numa promiscuidade barulhenta — Helena passava o dia costurando, e muita vez entrava pela noite adentro, sob a pálida e amarelada luz de um velho lampião de querosene...

Os dias sucediam-se iguais e trabalhosos.

E, na alma da criaturinha, passava, às vezes, a grande neuras-tenia de não mais viver em contato com as elegantes freguesas da grande casa de modas, muito perfumadas e de lábios muito vermelhos...

Mas Helena não tinha tempo de ter saudades. Para não morrer de fome e pagar o seu miserável quarto na infecta habitação coletiva em que vivia, o dia inteiro e grande parte da noite não eram suficientes.

Trabalhava para uma casa e para um turco a prestações.

A casa, uma casa muito elegante da Avenida, pagava-lhe cinco mil réis a feitura de uma dúzia de camisas; e o turco — o generosíssimo turco — duzentos réis a feitura de cada ceroula!*

Para fazer uma dúzia de camisas e ganhar os seus cinco mil réis, Helena cosia da madrugada até tarde da noite, sem intervalo, sem repouso, não tendo nem o tempo de cozinhar um sopa para si. Alimentava-se com um pedaço de pão e um pouco de carne da véspera que um ordinário restaurante da Rua do Senado cedia-lhe a bom preço, por estar quase sempre estragada...

N. do A. * Essa era a tabela real quando *Mistérios do Rio* foi escrito, isto é, em 1924.

Sem ar, sem luz, sem alimentação, Helena sacrificando os seus olhos e a sua saúde, trabalhava noite e dia, a agulha entre os dedos, como tantas costureirinhas, como milhares de outras costureirinhas, para a fortuna da elegante casa da Avenida e para enriquecer o generoso turco das prestações...

Com sacrifício da mocidade e da existência da pequena Helena, o mundo não deixava por isso, de rodar, sobre si mesmo, todos os dias...

Mas como uma flor que murchasse, a pequenina operária ia empalidecendo, pouco a pouco, e ao redor dos seus olhos, grandes e largas manchas arroxeadas iam se formando. Magra, muito magra, muito anêmica, Helena tinha o aspecto de velhice precoce, essa velhice que as próprias crianças miseráveis e mal alimentadas têm...

Era uma velha antes de ter sido uma moça!...

E isso simplesmente porque, para não morrer de fome e não se prostituir, tinha que trabalhar dezoito horas por dia para ganhar os cinco magros mil réis de uma dúzia de camisas, às vezes camisas de seda, que a elegante casa* da Avenida vendia a cento e vinte mil réis cada uma!

Isso, simplesmente devido a uma organização social injusta e miserável, que, distribuindo mal a riqueza, mata gente de fome e mata gente de indigestão. Uns com o estômago vazio, outros com estômago transbordante. Uns que expõem sangue, de fraqueza, em caminho para a tuberculose; outros que expõem peru, de abundância, depois de bacanais!

Organização social errada e bandida, que a certas meninas veste de seda e de pérolas e a outras meninas, também vibrando da mesma mocidade e das mesmas esperanças, não dá nem o direito elementar de viver!

Ah! a existência das pequeninas operárias, das pequeninas costureiras! Ah! o crime organizado, sistematizado, legalizado, dos *ateliers* de costuras! Aquelas patroas, severas, irascíveis, egoístas; aqueles patrões, que só se lembram de melhorar a sorte de suas empregadinhas à condição de levá-las para o lupanar! Ah! bandidos, de ventre farto e de algibeira cheia!

Sem associação de classe, sem defesa, as operárias costureiras, devido ao seu sexo e ao trabalho anônimo e escondido que fazem, nos *ateliers* ou nos seus quartos particulares e miseráveis — são, na organização social de hoje, as mais desprotegidas e as mais desamparadas.

Mistérios do Rio não são as fachadas que o “Papagaio” deu na Correção em um sentenciado. Mistérios do Rio não são os crimes desses desinteressantes moleques beijudos que freqüentam o sórdido

N. do A. * A seleta Casa Moutinho.

jogo do Bull-Dog. Mistérios do Rio não são histórias de “bagunça”, navalha e revólveres... Não!.

Mistérios do Rio são essas meninas costureiras que ganham trinta mil réis por mês e que ainda servem como criadas de suas patroas. Trinta mil réis sem casa nem comida! Sabem o que isso quer dizer, hoje em dia? – a fome e a morte.

Mistérios do Rio são essas meninas que morrem de inanição, porque não têm quem as defenda e quem grite por elas!

Ordenados – 70\$000 a 150\$000, a seco. Isso mesmo nas melhores casas para as melhores costureiras!

É à custa da miséria das costureiras que vivem os grandes armazéns.

E esses palácios da moda são construídos sobre os gemidos e a fome de milhares de criaturas.

Setenta mil réis por mês!

Pagar um quarto, alimentação, viver com setenta mil réis por mês!

Depois não querem que as casas de *rendez-vous* andem repletas!...

Helena, pois, ainda era muito feliz em ter encomendas da elegante casa da Avenida, que lhe dava a ganhar cinco mil réis por dia!...

Mas, pouco a pouco, com aquelas dezoito horas de costura diárias, a pequena operária ia se definhando...

Sem ar e sem luz, morrem as plantas e morrem as criaturas.

Na sua vida de desencantada surgiram, porém, inesperadamente, alguns dias cheios de sol.

Era primavera.

E toda a primavera cantou dentro do seu dolorido coração!

Pela primeira vez Helena amava.

Um encontro, um acaso, e o amor nasceu...

Foi um jato de claridade na sua existência triste.

Durante alguns dias a pequena operária sonhou o sonho de todas as meninas – um marido, uns filhos, uma casa... A felicidade!

E o que ela não tinha feito por interesse, ela o fez por amor.

Entregou-se de corpo e alma ao desconhecido que amava.

Um último golpe lhe estava destinado. O amor de sua vida, o amor de seu amor, o seu amante, o seu futuro marido, era um vil conquistador, especialista na desonra das criaturinhas desamparadas e sós.

As mesmas palavras e as mesmas promessas, ele repetia a todas. Com o mesmo entusiasmo e com o mesmo cinismo...

Alguns meses depois, Helena conhecia a Santa Casa e a 27ª Enfermaria, a enfermaria da irmã Filomena.

Depauperada, ela teve a criança em condições atrozes.

Dez dias depois davam-lhe alta. A alta quem a dá é o médico e não o paciente. O médico é que determina se o paciente sofre ou

não... O paciente pode padecer mil dores; com a alta do facultativo ele está oficialmente bom, tem que se levantar da cama, não se queixar mais, sair do hospital, ir para a rua, e dar lugar a outro...

Helena nunca se sentiu tão fraca como quando o médico lhe comunicou que ela estava curada e que, com o seu filho, devia deixar, naquele mesmo dia, a Santa Casa.

— Doutor, o que vai ser de mim?...

— A senhora está boa. Dou-lhe alta...

Apontaram-lhe a porta.

Cambaleando, Helena deixou o imenso casarão da dor.

Dias depois, tropeçando pelas ruas, sem recursos, não tendo coragem de estender a mão, fraca, anemiada — sem sangue nas veias, o estômago vazio, Helena perdia o seu filhinho, a última esperança de sua pobre vida...

.....

Com estrondo e aos solavancos, a ambulância policial entrou no pátio da Santa Casa, pela grande porta do Necrotério.

O *chauffeur*, habituado àqueles transportes diários, foi até o fundo do pátio e alegremente saudou uns enfermeiros que, de avental branco, tomavam fresco, fumando.

Ao ouvir o ruído do automóvel, o médico de serviço na portaria, precipitando-se, gritou logo da janela:

— Volte!... Volte!... Não há lugar... Não há nem uma cama!...

Em nenhuma enfermaria!...

O *chauffeur*, com a guia da polícia na mão, embaraçado, protestou respeitosamente:

— Mas doutor, onde vou levá-la agora?

— É uma mulher?

— Uma mulher, moça ainda, quase uma menina... Tem um corpo de criança...

O médico coçou a cabeça incomodado, murmurando:

— É o diabo!... É o diabo!...

Lembrou-se, porém, do rigor da administração da Santa Casa, das ordens taxativas recebidas:

— Não posso aceitá-la! Volte!

— Voltar para onde?

— Você é que deve saber! Esta mulher não estava em casa de alguém?

— Não senhor. Tinha sido despejada há dous dias pelo seu senhorio, por falta de pagamento. Estava na rua morrendo. E da delegacia do 16º Distrito é que a mandaram aqui... O seu estado é grave. O médico disse que é uma questão de dias... Não quer vê-la?

— Não, já lhe disse! A Santa Casa não pode recebê-la. Não há leitos. Solte-a onde quiser... Deixe-a morrer embaixo de uma árvore, aí mesmo em frente... Vamos ver se assim os poderes competentes tomam providências. Deixe-a morrer, como exemplo, aí mesmo de frente... Eu não posso fazer nada. Tenho ordens terminantes de não

receber ninguém acima da lotação. Isso aqui é como um hotel repleto. Quando sai um hóspede é que há lugar para um novo... E a Santa Casa é o hotel mais concorrido do Rio de Janeiro. Todos os dias se rejeitam hóspedes...

E, caindo na gargalhada, satisfeito com a sua pilhéria, o médico foi-se embora, envolvido no seu grande avental branco.

O *chauffeur* cuspiu, levantou os ombros, acendeu um cigarro.

Uma curiosidade, porém, o assaltou.

Foi à ambulância.

Abriu-a.

Olhou para dentro.

Na escuridão do carro, o corpo pequenino de Helena estava imóvel, sem vida.

Um lindo sorriso de criança sonhando inundava-lhe a fisionomia magra e esquelética.

Helena parecia sonhar. Mas estava morta!

Morta, gelada!

O *chauffeur*, calejado por esses espetáculos, murmurou entre os dentes:

— Esta, pelo menos, teve espírito. Adivinhou que a Santa Casa não a receberia. E então se foi... E fez muito bem!...

Na ambulância tétrica e negra como uma prisão, a pequena operária sorria, meigamente, para o céu!...